

Peculiaridades

A XXIII edição do Festival Internacional de Música da Costa do Estoril contou com um novo auditório e uma programação melhorada. Mas...

23 • AGOSTO • 97 Expresso

LUCIANA LEIDERFARB

O FESTIVAL Internacional de Música da Costa do Estoril é membro, desde 1983, da Associação Europeia de Festivais de Música. Os requisitos necessários para fazer parte de tão prestigiada entidade são ter a capacidade de «divulgar manifestações de elevada qualidade temática e tradição musical» e possuir «beleza paisagística ou ambiente peculiar dos seus locais». É, portanto, graças ao cumprimento destes dois parâmetros irrevogáveis que o nosso festival tem a honra de pertencer à Europa desenvolvida.

Não há dúvidas de que ambos os critérios foram seguidos pela organização do festival: quanto ao primeiro, embora a «elevada qualidade» que tem apresentado desde há dois anos a esta parte seja discutível — recorde-se o *War Requiem* de Benjamin Britten interpretado sem coro; a ausência quase absoluta de músicos portugueses a integrar as programações anteriores do festival; o cancelamento dos concertos de real importância e a restrição do epíteto de «internacional» aos países do Leste europeu —, pode-se alegar que ao menos se tentou manter uma certa diversidade quanto às temáticas, do mesmo modo que se tentou garantir a presença de música tradicional.

Quanto ao segundo critério, é claro que a beleza que envolve toda a zona do Estoril é inegável. E se o ambiente dos locais onde os concertos são organizados tem de ser «peculiar», então este ponto foi conseguido amplamente com o novo auditório do Parque Palmela, cujo palco, dotado de grandes qualidades acústicas, fica praticamente esquecido perante os murmúrios da natureza, a fazerem-se ouvir na hora exacta em que os músicos pretendem começar a tocar.

Não quero com isto sequer esboçar uma declaração contra os concertos e recitais ao ar livre no Verão, mas convenhamos que, so-

bretudo no caso de grandes músicos, não é agradável sentir que o som do instrumento se esvai diluído no barulho das árvores, da chuva, do vento e das gentes. O auditório pode ser fechado em caso de mau tempo, ficando deste modo restrito à área do palco. No entanto, esta solução faz com que o público tenha igualmente que ser reduzido — um toldo, ou qualquer coisa parecida, certamente solucionaria este problema.

Este ano, o Festival da Costa do Estoril melhorou bastante. Poder-se-ia quase dizer que a programação distanciou-se anos-luz daquelas que foram apresentadas em anos anteriores. Houve mais solistas, melhores músicos, atendeu-se aos 100 anos da morte de Brahms, ao bicentenário da morte de Schubert e aos 150 anos da de Mendelssohn, o que foi o ponto de partida para concertos e recitais sempre interessantes.

Em primeiro lugar, cabe destacar o modo como o festival foi aberto, no dia 6 de Julho: a «Schubertiada Brahmsiana», concebida pelo pianista Nuno Vieira de Almeida, marcou a qualidade da presença nacional com nomes como Sandra Medeiros, Inês Calazans, Marina Ferreira, António Saiote, Maria José Falcão e António Wagner Diniz. Uma entrada genuinamente portuguesa, talvez com o objectivo de colmatar uma das falhas que tinham obscurecido o festival em épocas passadas.

A primeira semana teve presenças igualmente fortes: a Orquestra de Câmara de Viena, dirigida por Georges Pehlivanian, numa apresentação que, pela sua importância, merecia ter mais público do que as escassas cinquenta pessoas que preenchiam o auditório; o violoncelista Truls Mork e a pianista Anne Kaasa, que protagonizaram um dos momentos mais interessantes, com a interpretação de obras de Brahms, Schubert e Grieg.

Na semana seguinte, cabe destacar os concertos realizados pelo Coro Infantil da Maîtrise Henri Duparc Tarbes, sob a direcção de Jean-Paul Salanne, e o organista Gérard Seel e, sobretudo, o pianista Paul Badura Skoda, que apesar das péssimas condições climáticas — que não foram suficientes para convencer a organização a fechar o auditório — conseguiu levar por diante um concerto inteiramente preenchido por obras de Schubert, o qual teve momentos que induziram à lembrança do pianista que ele era há vinte anos.

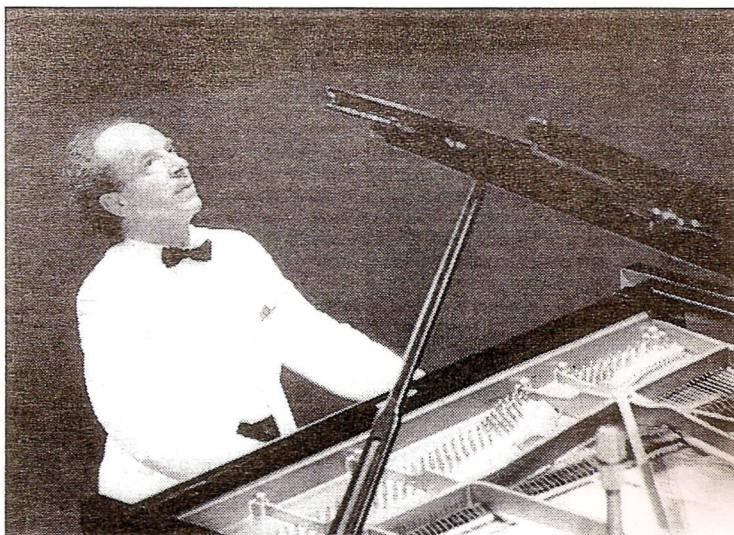
Agosto estreou-se com a impetuosidade da pianista Tânia Achot, que interpretou obras de Chopin e de Liszt; com a precoce maturidade do duo vencedor do 1º Prémio de Música de Câmara do Prémio Jovens Músicos '96, constituído por Bruno Graça no clarinete e Vítor Pinho ao piano; com a personalidade incisiva do pianista Naum Shtarkman, que trouxe até nós obras de Beethoven, Schumann — o *Carnaval Op. 9* —, Tchaikovsky e Chopin; para concluir com a Jovem Orquestra do Domaine Musical, dirigida por Jean-Paul Salanne e iluminada oportunamente pela presença irreprensível de Pedro Burmester, com o *Concerto N.º 1 em Ré Menor* de Brahms.

Um aspecto a melhorar é o desequilíbrio que ainda se verifica a nível dos intérpretes. Por exemplo, entre a Orquestra de Câmara de Viena e Paul Badura Skoda temos a Orquestra Sinfónica Juvenil, alternância acerca da qual se pode dizer que, se o festival tinha a pretensão de mostrar música feita em Portugal, teria sido mais conveniente seguir a linha escolhida no início — convidar músicos profissionais.

Em relação à Orquestra de Câmara de Cascais — ou da Câmara de Cascais, como tem aparecido em alguns dos cartazes circundantes, demonstrando que a oscilação quanto à origem e responsabilidade deste agrupamento permanece actual —, poder-se-ia colocar a seguinte questão: havendo tanta bibliografia composta especificamente para orquestras de câmara, porquê insistir nos arranjos?

Finalmente, as orquestras juvenis provenientes dos países vizinhos deixam muito a desejar e alguns dos jovens intérpretes convidados não se encontram ainda maduros para participarem de um festival que se quer qualitativamente aceitável — estou a referir-me à Jovem Orquestra Sinfónica de Bremen e aos cantores Marie-Pierre Daney e Eric Salha.

A conclusão afigura-se óbvia: não é determinante, para se integrar uma associação, ser dela merecedora. No entanto, é absolutamente determinante para a boa qualidade de um festival ser capaz de escolher o que o tornará merecedor de um público. ■



O pianista Paul Badura Skoda